



DE GRÃO EM GRÃO...

Ainda em 2010, era publicado o livro intitulado “*Nutrição Animal, principais ingredientes e manejo de aves e suínos*” – ISBN 978-85-7467-017-1, fruto da iniciativa de um reconhecido especialista da nutrição animal à época, meu finado amigo Regis Regina, que contava com a colaboração de outros pesquisadores que abrilhantaram a obra. Um dos capítulos abordava a importância e a qualidade do milho na produção das dietas animais, identificava o *Zea Mays* (família *Poaceae* e gênero *Zea*) como cereal cultivado praticamente em todo mundo devido às suas propriedades nutricionais, capacidade energética e, sobretudo, seu excelente potencial produtivo.

O texto ressaltava que as diversas cultivares do milho facilitam sua adaptação em vários tipos de solo, altitude, clima, e também da possibilidade de alteração das suas propriedades para atendimento às diversas aplicações. Além disso, premeditava que as “duas” safras poderiam somar algo em torno de 55 milhões de toneladas naquele ano.

Quinze anos se passaram e o montante mais que dobrou, já que a expectativa de colheita pode alcançar 123 milhões de toneladas, oriundas das “três” safras (24,9 milhões na 1ª; 95,5 milhões na 2ª; 2,4 milhões na 3ª) do milho semeadas, conforme expectativa da CONAB divulgada no mês passado (6º. *Levantamento/Safra 2024/2025*).

Em 2010, a indústria de alimentação animal produziu 61 milhões de toneladas de rações, cujas composições carregaram 60% de milho. Por sua vez, agora neste ano corrente, provavelmente mais de 55 milhões de toneladas do cereal serão exigidas para atender a respectiva demanda da cadeia produtiva de proteína animal (carnes, leite, ovos, organismos aquáticos), equinos e pet food.

A propósito, esse montante incremental deve ser reforçado pelo aumento da mistura do etanol anidro à gasolina (E30, *proposta ainda dependente da aprovação do Conselho Nacional de Política Energética/CNPE*), biocombustível cujo processamento devolve fração nutricional (*Distillers Grains with Solubles/DGS*, no caso do milho) à pecuária nacional, apesar de parte desse coproduto originado seguir trajetória crescente ao exterior.

Além disso, a constatação de uma arena in-

ternacional acometida por recentes barreiras comerciais (tarifas, retaliações e reciprocidade) envolvendo fornecedores concorrentes e clientes agropecuários globais – sobretudo os Estados Unidos, China, União Europeia, México e Canadá – acabam por estabelecer, ao milho, um ambiente bastante favorável à abertura de novos destinos e ampliação daqueles tradicionais. Em 2010, por exemplo, os embarques não alcançaram 10 milhões de toneladas, enquanto que a perspectiva para o ano corrente é atingir 34 milhões de toneladas além-fronteiras. Vale lembrar que em 2023 o recorde de remessas totalizou 56 milhões de toneladas de milho, das quais, 17 milhões remetidas à China.

A combinação dos supramencionados apontamentos catapultou em 20% o preço do milho nesse início de ano (R\$ 74,17/sc 60kg em janeiro; R\$ 80,76/sc 60kg em fevereiro; R\$ 89,38/sc 60kg em março, segundo o CEPEA) período da “entressafra” de verão com menor disponibilidade, fenômeno que costumeiramente prevalece ao longo do primeiro semestre (*a partir de julho, a colheita da “safrinha” de inverno deve arrefecer o preço praticado*). Por sua vez, as cotações apuradas pelo *United States Department of Agriculture - Nacional Agricultural Statistics Service/USDA NASS* revelou variação de apenas 1,5% (US\$ 4.29/bushel - January; US\$ 4.25/bushel - February; US\$ 4.35/bushel - March). Evidentemente o apetite dos principais demandadores (alimentação animal, biocombustível e exportação) seguirá acirrado e a disputa quantitativa pelo milho continuará crescendo nos anos vindouros.

Torçamos para que as projeções futuras da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária/SPA MAPA com apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/Embrapa, se tornem realidade. Segundo o estudo “Projeções do Agronegócio – Brasil 2023/2024 a 2033/2034”, ao final do horizonte temporal proposto, a safra do milho alcançará 153 milhões de toneladas e sua semeadura financiada por linhas de crédito alinhadas aos programas ambientais de recuperação de áreas degradadas.

Obrigado Regis pelo entusiasmo. O legado que nos deixou sustenta um aforismo basilar, já que “a semeadura é opcional, mas a colheita obrigatória”. ■



Arioaldo Zani

é médico-veterinário,
CEO do Sindirações;
Presidente da Câmara
de Sustentabilidade e
Bem-Estar Animal/ABPA;
Presidente do Conselho
Consultivo de Insumos
Agropecuários e Indústria
Extrativa/SENAI SP
arizanni@uol.com.br